

Pesquisadora refaz trajetória das grandes orquestras brasileiras das décadas de 1950 e 1960

A pesquisadora Cristina Meneguello: sucesso sustentado a partir de um complexo equilíbrio



Foto: Nêdo Cantani



Foto: Reprodução

Integrantes da Orquestra Continental de Jau ao lado do ônibus "Marta Rocha", em 1956, em Lins

Na estrada com as big bands

ANTONIO R. FAVA
fava@reitoria.unicamp.br

Durante décadas foram a coqueluche dos salões de baile, embalsamaram sonhos e fizeram a juventude brasileira dançar de rosto colado ao som de In The Mood, Aquarela do Brasil, Petit Fleur ou Cheek to Cheek. Os rapazes com terninhos justos ou de jaquetões de couro. As moças, de vestidos rodados abaixo dos joelhos e cabelos armados. Com o tempo, as chamadas big bands foram, lentamente, perdendo o seu encanto, seu carisma. Por diversas razões. Há quem diga que um dos motivos que provocaram essa decadência foi o advento da televisão – que surgiu no Brasil em 1950 – a culpa exclusiva desse declínio.

Há poucos meses Cristina vem levantando material sobre as big bands (ou grandes orquestras) principalmente as do interior do Estado. A idéia é desenvolver um projeto com o propósito de resgatar a memória das orquestras que fizeram sucesso em décadas passadas, se continuam em atividade e se, de um modo ou de outro, ainda mantêm seguidores ou quem as aprecie. O que a pesquisadora pretende é elaborar um perfil da história dessas or-

questras, as influências que receberam de bandas norte-americanas, como escolhiam as músicas que compunham o repertório, sua performance no palco.

As big bands brasileiras constituíram um fenômeno histórico e social de profundo interesse e que até hoje não recebeu um estudo histórico aprofundado. O próprio gênero, como acontece com outros estilos de música, grupos e conjuntos musicais, como é natural, acabou saturando o gosto do público que apreciava os concertos dessas orquestras.

Pouco se sabe sobre a história do fenômeno que foram as big bands nacionais, conforme explica a pesquisadora. Como se sabe muito pouco do rock 'n' roll, gênero que misturava elementos da música negra (blues e rhythm & blues) à dos brancos (country), e também da Jovem Guarda, movimento que surgiu no Brasil nos anos 60, tendo como seus principais expoentes Roberto Carlos, Erasmos Carlos e Wanderléa. "Vou levantar também o que foi feito dessas bandas, de seus músicos, se ainda vivem, no que trabalham, se deixaram a música ou se ainda a fazem por diletantismo; o que culminou para a decadência delas, se o público mudou ou as orquestras é que não evoluíram. Enfim, vou estudar a trajetória dessas big bands, que fizeram a história da música brasileira nas décadas de 1940 e 1950", adianta Cristina.

Chiclete com banana

A pesquisadora da Unicamp explica que em décadas passadas a música que se executava no Brasil ficou como "encapsulada", talvez por ser considerada música de imitação, coisa americanizada. De qualquer forma, os bailes dos clubes da época eram um momento de congregação. Havia bailes para todo tipo de acontecimento: baile da primavera, do carnaval, de fim de ano e, talvez o mais importante – ou pelo menos o mais comentado na cidade – o baile das debutantes, quando a mocinha era oficialmente apresentada à sociedade.

"Pode observar que desde a formação da orquestra brasileira, o próprio ritual de apresentação, tudo era inspirado nas big bands americanas. Desde o repertório, quase todo norte-americano. Curiosamente, nota-se uma mescla de músicas nacionais, como o samba", diz Cristina. Orquestras do estado de São Paulo como as de Nelson de Tupã, Continental de Jau, Pe-

drinho de Guararapes, a Orquestra Tabajara, uma das mais importantes e antigas, e até mesmo as de caráter mais local, como a Marajoara de Bauru, a Orquestra de Berico, de Campinas, a Sul América de Jaboticabal e, entre outras, a Arley e seu Conjunto de Ritmos, de Catanduva, se enquadravam nesse perfil. No Brasil, o auge desse fenômeno se deu efetivamente nas décadas de 1950 e 1960.

Não se pode falar das orquestras brasileiras sem citar as norte-americanas. As big bands nos Estados Unidos, segundo Cristina Meneguello, eram compostas por músicos de clubes que combinavam elementos de jazz a ritmos mais suaves e dançantes, produziam um estilo popular que teve como precursoras as orquestras de Paul Whiteman e Vincent Lopez, ainda em 1910. Como essas pequenas bandas aumentaram gradativamente de tamanho, passaram a ser denominadas big bands. "Com a expansão do rádio na década de

1920, o som desses grupos musicais se tornou rapidamente acessível a uma audiência antes inimaginável, visto que apenas em viagens pelo país ou em discos poderiam se tornar conhecidas", diz.

Geralmente as big bands eram constituídas de grandes seções de instrumentos de sopro, à maneira de orquestras, acompanhadas por piano, baixo e bateria, assim como por cantores, os chamados crooners, que executavam as baladas românticas. O clarinetista Benny Goodman foi um dos pioneiros em aliar a música de swing – jazz suingado, como se dizia no Brasil – com outras melodias românticas, mais populares, revela Cristina. "O swing permitia que os líderes das orquestras e outros músicos mostrassem suas habilidades como instrumentistas, por meio de solos: as baladas eram mais dançantes. Não por outra razão, as orquestras utilizadas para animar bailes e festas eram diferentemente qualificadas de dance bands".

Um quê de Glenn Miller

Por volta de 1935 essa combinação caiu no gosto do público. Sucesso não apenas no caso da orquestra do pioneiro Benny Goodman, mas também com a orquestra do clarinetista Artie Shaw, de Tommy Dorsey (que trazia Sinatra como seu cantor principal), Harry James (antes parceiro de Goodman), Duke Ellington e, talvez a mais célebre de todas, a orquestra de Glenn Miller. No entanto, orquestras menores, célebres nos Estados Unidos, também tiveram seus dias de glória, como as de Sammy Kaye, Jan Garber, Bem Pollack e Guy Lombardo, lembra a professora. A pesquisa de Cristina levou-a a concluir que o apogeu da popularidade desse fenômeno se deu durante a Segunda Guerra, e, paradoxalmente – pelo menos nos Estados Unidos – esses foram anos de afluência e consumismo: o declínio das orquestras se iniciou com o fim da guerra. "Muitos músicos que haviam sido recrutados como soldados não retornaram às suas atividades; outros intérpretes, abandonando suas orquestras, obtiveram sucesso quando optaram pela carreira solo", observa Cristina.

O surgimento da televisão nos Estados Unidos em 1939 alterou significativamente a importância e a abrangência desse tipo de entretenimento, enquanto os grupos pequenos de jazz ou bebop passaram a ter maior espaço nos clubes noturnos. Verifica-se que, no Brasil, o auge do

fenômeno se estendeu ao longo das décadas de 1950 e 1960, fortemente inspirado pelo exemplo americano. Curiosamente, é no interior de São Paulo que começam a surgir as orquestras, grandes e pequenas, locais ou em constante excursão, que pontuavam o calendário com apresentações, geralmente associadas a bailes promovidos pelos clubes das cidades.

"É engraçado que muitas dessas pequenas bandas" eram formadas com o único propósito de se apresentar em bailes locais e festas de formatura. Havia um "quê" de Glenn Miller em cada uma delas", avalia a pesquisadora. Dessa forma, cidades do interior do Estado, como Tupã, Guararapes, Bauru, Marília, Paraguaçu Paulista, Jaboticabal e mesmo a capital de São Paulo tinham orquestras disputadíssimas para as festas de formatura, bailes das debutantes nos clubes noturnos e outros eventos.

Para Cristina Meneguello, o fenômeno do sucesso das grandes orquestras sustentou-se a partir de um complexo equilíbrio entre apresentações nas rádios, notícias na imprensa especializada, gravação de discos, apresentação em bailes de formatura ou bailes especiais nos clubes. Tempos depois, as apresentações passaram a estender-se também aos cinemas.

"Desse modo, os sons ganhavam faces. O líder ou maestro (*bandlea-*

den) parecia estender seu carisma a seus músicos, os quais do mesmo modo, faziam suas interpretações muitas vezes de forma coreografada, levantando-se em momentos-chave da música, movendo-se de acordo com cadência da música, tornando a apresentação um espetáculo à parte".



Foto: Reprodução

As orquestras do interior eram disputadíssimas

Foto: Reprodução



SERVIÇO

Para poder concluir as suas pesquisas e levantamento de dados, Cristina Meneguello está fazendo contato com antigos músicos de big bands, em busca de relatos de suas memórias, fotografias, gravações e outros tipos de materiais. "Estou interessada também em conversar com possíveis frequentadores dos bailes animados por essas orquestras", diz. Os interessados podem entrar em contato com a professora Cristina pelo e-mail hm2002@uol.com.br ou pelo telefone 3788-1575.